



O MARIANO

ORGÃO DAS CONGREGAÇÕES MARIANAS DO COLÉGIO CATARINENSE

Ano VII

Florianópolis, abril de 1949

N. 2

FIEL SEREI

Noite escura. Não longe de Charleroy (Bélgica), o guarda levanta a alavanca para movimentar a agulha, pois já se vêm os possantes holofotes do expreso internacional. Mas que é isto? As articulações dos trilhos não obedecem à alavanca. O guarda corre para examinar o engenho.

"Meu Deus! A barra central está quebrada! O desastre vai ser horrível!..."

Um momento de reflexão. O guarda deita-se entre os trilhos. Com todo o seu pêso, com todas as suas forças e com uma oração nos lábios, empurra as pontas da agulha contra os trilhos que levarão o trem ao caminho certo. Ele sabe: uma corrente que pendurasse livremente, uma peça de um freio que não estivesse em seu lugar — e ele seria esmagado.

Graças a Deus! Tudo foi bem. O guarda levanta-se, tremendo como varas verdes.

Mas foi fiel a seu dever.

Donde lhe veiu a força para tal fidelidade?

Há séculos, alguém disse: "A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e cumprir a sua obra".

E fiel a esta devise, cumpriu seu dever. Tomou sobre Seus ombros ensanguentados a pesada cruz, carregou-a ao cimo do Calvário e morreu nela. Fiel até à morte!

Congregado, filho da Virgem fiel, sê fiel ao teu dever. Fiel ao dever num mundo que se ri dos mandamentos de Deus, que insiste nos seus direitos, mas zomba do dever, que só pensa nos divertimentos, porque, covarde como é, foge do dever.

Tua devise para este mês é: Fiel serei!

DAS NOSSAS CONGREGAÇÕES

C. M. da Glória — Esta CM recebeu novo Diretor na pessoa do R. P. Ernesto Seidl, S. J. — Aos 15 de Março de 1949 tomou posse a Diretoria escolhida para o ano em curso e que se compõe como segue: Presidente: Celestino Sachet, 1º Assistente: Geraldo A. Menezes, 2º Assistente: Altair Castellan, Secretário: Hortêncio Lopes, Tesoureiro: Silvio A. Schmitt, Conselheiros: Antônio Guido Amboni, Cláudio de Souza Ferreira (Bibliotecário), Haroldo Bez Batti.

C. M. do Rosário — Secção: Mães: Aos 12 de Março foi dada posse à nova Diretoria que é assim constituída: Presidente: Ângelo A. Urofino, 1º Assistente: Ewald Jua-

MARIANOS CÉLEBRES

21. Ladislao IV.

O povo polonês que, à Igreja deu já tantos santos, entre eles Stº. Estanislau Kostka, um dos três padroeiros da juventude, é tradicionalmente devoto de Nossa Senhora. Todas as guerras, todas as invasões e opressões por que a nobre nação teve que trilhar sua via sacra, não conseguiram extinguir o amor mariano que arde nos corações de seus filhos.

Muitos dos chefes desse povo heróico uniam ao esplendor de uma coroa real a jóia preciosa do amor a Maria.

Entre eles citamos o rei Ladislao IV., filho de Sigismundo III., que, por sua vez, foi congregado.

Ladislao nasceu em Cracóvia, no ano de 1595. Em 1618, junto com o pai e a mãe, Ladislao, então príncipe herdeiro, entra na C. M. N. Sra. da Glória, em sua cidade natal.

Aos 15 anos de idade, Ladislao deveria subir ao trono da Prússia. Mas o pai opôs-se ao plano do filho de conceder àquele país a "tolerância religiosa". E assim o jovem perdeu aquele trono. Em compensação ganhou para a Polónia os ducados de Esmolensco e Czerniechov.

Substituindo a seu pai, no trono da Polónia, Ladislao viu-se desde logo envolvido em guerras sangrentas contra os russos, turcos e suecos. Mas o monarca mariano soube vencer seus inimigos. Os russos foram obrigados a renunciar a suas pretensões sobre a Livônia e a pagar as custas da guerra. Firmou em seguida um tratado muito vantajoso com os turcos e forçou os suecos a se retirarem da Polónia.

Os seus grandes planos em favor da pátria foram frustrados pela incompreensão partidária da dieta polonesa.

Em todos esses anos, nunca deixou de manifestar sua sincera devoção à Nossa Senhora. Em 1642, fundou, em Varsóvia, a C. M.

rez Losso, 2º Assistente: Juarez Phillippi, Secretário: Cid C. Porto, Tesoureiro: Rodi Hickel. — Secção: Menores: Esta Secção recebeu, na reunião do dia 9 de Março, sua Diretoria, formada pelos congregados: Luiz Miguel Parente — Presidente, Nelson Alexandrino — 1º Assistente, Emmanuel Campos Filho — 2º Assistente, Luiz A. O. da Veiga — Secretário, Nelson L. Teixeira — Tesoureiro, Jonas J. da R. Luz e Rubem D. Carreirão — Conselheiros. — Desejamos a todos a bênção de Nossa Mãe celeste.



CANTINHO LITURGICO

Agora, o sacerdote retira o véu do cálice, colocando-o fora do corporal, à sua direita.

Na Missa solene, o subdiácono traz ao altar o cálice que cobre com os dois extremos do véu que lhe envolve os ombros. Entrega o cálice com a patena ao diácono que, por sua vez passa a patena com a hóstia ao celebrante.

Em ambos os casos, procede o sacerdote ao oferecimento dos elementos do sacrifício.

São estes a **Hóstia** e o **Vinho**.

No rito latino (e em alguns ou-

tros) a hóstia é um pedacinho de pão ázimo feito de farinha de trigo puro, cozido ao fogo.

Quando Jesus instituiu o Santíssimo Sacramento da Eucaristia, "no primeiro dia dos ázimos" (Mt. 26, 17), usou pão não-fermentado. Por esta razão, como por motivos de ordem prática, a Igreja emprega, na s. Missa, pão ázimo. Esta espécie de pão simboliza, também, a pureza. Pois não passa pelo processo da fermentação, como o pão levedado. Por este mesmo motivo, a hóstia deve ser absolutamente pura, inteira e bem recente.

ESCOLA DE GUERRA (XXXII)

55. "Ao Secretário incumbe examinar as atas das sessões do conselho, escrever o diário geral da Congregação, encher os diplomas e assiná-los, bem como as letras patentes, cartas, notícias e outros documentos oficiais. Em tudo isto seguirá as ordens do Diretor e do Presidente. As atas das Consultas, o diário geral da Congregação e o catálogo dos congregados devem estar em três livros separados, que nunca hão-de faltar em nenhuma Congregação". (1).

Comentário: (1) Não é demais afirmar que a boa administração dos documentos acima citados é de importância vital para uma Conda Imaculada Conceição para a qual ele e seu irmão se transferiram, revezando-se aí no posto de presidente.

No fim de sua vida sofreu grandes tribulações. O povo polonês, desanimado pelas muitas guerras, sublevou-se contra seu rei. Enquanto Ladislao se preparava para sufocar a revolta, morreu, em Merez, no ano de 1648.

Insigne servo de Maria, teve Ladislao em vista unicamente o bem de seu povo. Não foi compreendido pelos caudilhos que se tornaram os covéis de uma grande nação.

gregação. Negligência e relaxamento são indícios de pouca vida da CM, de falta de compreensão e de responsabilidade.

56. "Os membros do Conselho, como o mesmo nome indica, fazem ofício de consultores não só nas reuniões do Conselho, em que tomam parte com voto deliberativo, (1) mas também quando em particular são chamados pelo Diretor ou Presidente. (2) Para maior segurança de seu conselho, procurem conhecer bem os congregados e as cousas da Congregação, e tenham sempre presente o que acima fica dito em geral de todos os oficiais, pois de modo particular a eles se refere o evitar o espírito de partido e o dar seu parecer com pureza da intenção". (3).

Comentários: (1) Com modéstia e clareza expressem sua opinião. Nunca fujam da responsabilidade que assumiram, quando aceitaram seu ofício. — (2) Isto requer que conheçam bem o estado e as necessidades da CM. Haja verdadeiro interesse pela "Obra da Rainha", e não faltarão estes requisitos. — (3) Em particular, tratem de conhecer bem os congregados (e candidatos). Este conhecimento não se adquire por espionagem, mas pela convivência fraterna com eles. Longe dos oficiais o espírito partidário político. Na CM há lugar para uma só política: a política de Cristo é de Seu representante na terra.



Tiarajú, por Manoelito de Ornellas; Livraria do Globo, Pôrto Alegre, 1945. — Com êste volume deus o autor riograndense um dos mais belos livros da literatura brasileira. Aqui vemos o índio brasileiro enobrecido pela fé, vemos o herói que se sacrifica não somente pela tribo, mas ainda por aquilo que elevou a esta tribo — e a tantas outras — às alturas da civilização verdadeira. Diz José Osório de Oliveira: "Uma figura de giesta como a de "Tiarajú", o guaraní defensor das Missões, encontrou em Manoelito de Ornellas o seu poeta, embora poeta em prosa, na mais legítima heroificação do índio, porque não do índio místico, mas do índio histórico, nem do índio selvagem, com uma psicologia inventada, mas do índio cristão, com sentimentos que podemos imaginar". — A editora soube dar uma artística apresentação gráfica a esta canção que celebra um dos acontecimentos mais incisivos da história pátria. — Sec.: C.

O Evadido de Mustang, por Max Brand; Casa Editora Vecchi Ltda., Rio de Janeiro, 1948. — Saiu, enfim, mais um volume da já muito apreciada "Coleção Far-West" que a conhecida editora brasileira iniciou uns tempos atrás. O nome de Max Brand é uma garantia de leitura boa e interessante. O herói da narrativa é mais uma vez o simpático Silvertip que, com rara habilidade, sabe desemaranhar as situações mais complicadas e levar a justiça à vitória. Como toda boa literatura sobre o "Far-West", êste livro mostra o homem em sua luta contra os instintos primitivos que o verniz da civilização é capaz de encobrir, mas não de destruir. O genuíno herói do "Far-West" defende os injustamente oprimidos e perseguidos, protege os fracos e indefesos, renovando a atitude dos mais nobres cavalheiros da Idade Média. O exemplo da coragem e da inaudita força de vontade pode fazer muito bem à nossa mocidade tantas vezes efeminada. — Sec.: A.



DO MEU DIÁRIO

22 de Fevereiro — Chegou, hoje, uma segunda turma para um retiro de três dias. Alguns dos componentes da turma vinham com o coração na garganta.

26 de Fevereiro — Segundo todas as aparências, os corações deslocados acham-se de novo no lugar devido.

9 de Março — Reuniram-se, hoje, às 7,30, os cinco "grandes" da Seção dos Maiores e por meio de voto secreto distribuíram entre si os postos na Diretoria da C. M. Naturalmente, o Rodi ficou mais uma vez com o posto — aliás pouco invejável — de Tesoureiro.

11 de Março — O Nelson (Tesoureiro dos Menores) apareceu com uma camisa nova. Logo saiu um dos maliciosos congregados com esta: "Padre, o ano que vem,

eu quero ser tesoureiro da C. M."

17 de Março — Perguntou um aluno a um colega: "Diga, quem é aquele mocinho? Baixinho, cara rosada, óculos com aros de ouro, aspecto importante? O outro cisma. Depois: "Ah, só pode ser o grande conselheiro da C. M. dos Internos, o Cláudio".

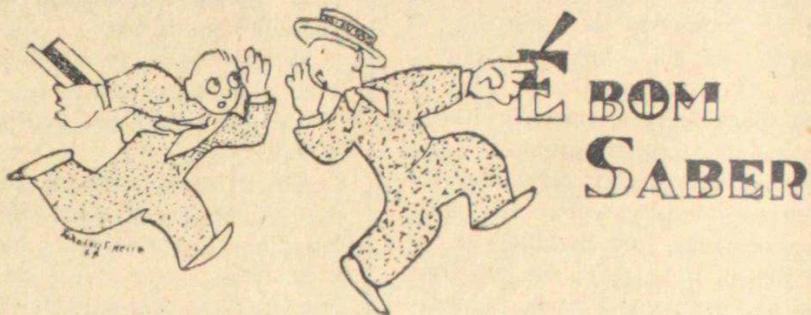
20 de Março — Na excelente revista das CC. MM. dos E. U. A., "The Queen's Work", lemos esta prova de que as filhas de Eva são as mesmas em todos os continentes: Depois da aula, a freira que ensina no segundo ano do curso primário, achou, no chão, o seguinte bilhete. Estava traçado em letras largas e enfáticas:

"Querido Donnie, eu te amo. Amar-te-ei mesmo depois de ter ficado freira. Ellen".

PODE ACONTECER AQUI...



"Cristianismo e comunismo ateu excluem-se mutuamente. Não há meio termo". (Adolf Lustig: Red Persecution in Hungary. — In: "The Queen's Work", St. Louis, E. U. A.)



— Quando naquele Sábado, 15 de Janeiro dêste ano, os comunistas publicaram, na China, suas fatais condições de rendição, quando — no mesmo dia — as potências ocidentais negaram sua intervenção em favor daquele país, quando — ainda no mesmo dia — Tchiang Kai-shek abdicou do poder — nesse mesmo dia morreu, em Bruges (Bélgica), o abade do mosteiro beneditino St. Pierre de Gant. Chamava-se Dr. Pierre-Célestin Lou Tsen-tsiang. Nacido em 1871, como filho de uma abastada família protestante, na China, começou sua carreira diplomática na embaixada chinesa em St. Petersburg (hoje, Leningrad), onde se casou com uma nobre moça belga. Em 1906, o Dr. Lou ficou embaixador da China na Holanda. Em 1911, entrou na Igreja Católica. Quando Sun Yat-sen fundou a república chinesa, chamou a Lou para confiar-lhe o posto de ministro do exterior. Mais tarde ficou presidente do conselho dos ministros e como tal fez um bem imenso na jovem república. O ano de 1926 roubou-lhe a esposa. Agora, o Dr. Lou voltou para a Bélgica, onde se fez monje beneditino, depois de ter distribuído entre os pobres de seu país natal suas grandes riquezas. Depois da 2. Guerra Mundial recebeu sua nomeação para superior do convento de St. Pierre. Há dois anos, a sra. Tchiang Kai-shek foi ver seu patrício, convidando-o a voltar para a China. Depois de um prolongado silêncio respondeu o sacerdote: "Receio que a herança de Sun Yat-sen está perdida. Se voltasse agora para a China, seria arrastado para a voragem abismal e pèrécera convôscô. Havia de negociar, de fugir, fazer compromissos. Isto não quero. Isto

não posso. Se a China morrer, eu morrerei também. Minha memória, como a de Sun Yat-sen, viverá nos corações dos habitantes de nosso país, e, certo dia — daqui há uns anos ou uns séculos — eles se lembrarão de nós, expulsarão os opressores e fundarão uma nova república. Madame, levai minhas suadações para a China..." — No dia 15 de Janeiro de 1949, a China morreu. No mesmo dia, sem ter estado doente, morreu o abade chinês — um homem admirável, um nês — um homem admirável, um de seus monjes.

(Westfalenpost-Ansberg)

— Rapazes e moças católicas de Okayama (Japão) encarregam-se da campanha contra as más leituras. Querem ressuscitar a antiga modéstia e pureza dos costumes por meio da literatura e arte católicas.

— Do primeiro número do "Catholic Digest" em japonês a firma Nippai encomendou 30.000 exemplares, uma outra 12.000. Mas toda a edição contava apenas com o número pedido pela primeira firma. Os números 2 e 3 apareceram numa tiragem de 50.000 exemplares. Mas para cada número já havia 400.000 (!) pedidos. A falta de papel não permite aumento da tiragem.

(Nachrichten a. d. Jesuiten-Mission in Japan — Colônia)

— Na Hungria, os comunistas descobriram um meio para destruir completamente as ordens religiosas. Uma nova lei determina que cada um trabalhe lá onde é mandado. A perseguição comunista está organizada diabólica e cientificamente.

(The Queen's Work — St. Louis, Mo., U. S. A.)

ESSA HISTÓRIA DE ADÃO E EVA

(Tradução)

Daniel A. Lord, S. J.

(Continuação)

Foi a elevação do julgamento humano acima do julgamento de Deus. Um casal humano achou que sabia melhor do que Deus em que consistia a felicidade. Tomaram sobre si a responsabilidade de desprezar o aviso de Deus e de andar atrás de um bem que viam e desejavam.

Foi o cubitoso descontentamento com a generosa abundância de Deus. Todas as outras árvores no magnífico jardim não bastavam. Deus não tinha o direito de se reservar para Seu uso próprio uma só árvore. Eles queriam esta também, e roubaram-na.

Foi o altivo desejo dos mortais de galgar a mesma altura que Deus mesmo, de tornarem-se Seus iguais, de partilhar Sua sabedoria e arrancar-Lhe Seu poder.

Foi o descartar o Deus belíssimo e Seu amor para achar o amor nos braços da mulher desejada.

Foi a traição de uma mulher praticada contra o homem que a amava, uma traição através do amor cuja finalidade fôra enobrecê-lo.

Finalmente, foi a revolta contra Deus e em favor de Seu inimigo implacável. Foi alta traição pela qual a raça humana foi entregue ao seu impiedoso adversário.

Eis a Serpente! Não caberiam em muitas prateleiras de muitas bibliotecas os livros escritos para explicar a serpente de Eden.

Cientistas, em tratados eruditos, lembraram-nos o culto da serpente que degrada os povos pagãos. Apontam com o dedo as cobras que em contorções petrificadas se arrastam ao longo dos frisos dos templos pagãos. Mencionam que serpentes eram veneradas na Babilônia, no Egito e mesmo no México dos Aztecas. Não hesitam em pular umas poucas centenas de séculos afim de estabelecer a ligação entre a serpente do Paraíso com a serpente dos feiticeiros de Haiti.

Tudo isto é interessante, mas sob o nosso imediato ponto de vista bem supérfluo.

Por que, entre a Suas infinitas perfeições, devemos notar que Deus é poeta. O simbolismo faz parte de Sua mais constante expressão de Sua verdade. Rítmico corre por toda a natureza, desde o bater de teu pulso até os bem calculados movimentos das estrelas, desde as batidas das patas do cavalo até o ciclo das marés e das estações.

Deus era poeta quando nos deu os sinais sensíveis dos Sacramentos.

Era poeta, quando estabeleceu o cosmos com suas pulsações e ritmos compassados.

Satanás vem de gatinhas. Assim, quando Deus permitiu a Seus filhos a primeira clara visão do tentador, o diabo, que vem trazendo consigo pecado, morte e miséria, Ele forçou Seu adversário, Satanás, a desempenhar um papel simbólico. Satanás escolhe entre todos os disfarces possíveis que podia

ter empregado, justamente esse disfarce rico em justiça poética. Na sua primeira visita ao homem, ele vem sob a aparência da serpente.

Como Satanás pudesse ser levado a tão abjeto humilhação, só Deus não-lo poderá dizer algum dia. Certamente, com sua beleza e força arruinadas, Lúcifer poderia ter feito melhor do que fez. Podia ter achado um disfarce que sugerisse sua posição antiga. Tivesse se envolvido no espiantado esplendor do passado, a crédula Eva talvez se tivesse impressionado e Adão porventura se tivesse ajoelhado. Pois os anjos estão mais alto na escala dos seres do que os homens, e mesmo um anjo caído pode enganar os homens para que o julguem esplêndido e poderoso. Os demônios que pontificavam em altares magníficos sob os nomes de Moloc e Beelzebú, provaram isto.

O Disfarce Asqueroso. Contudo, Lúcifer realmente escolhe para sua primeira aparição como tentador um disfarce que assenta bem ao símbolo eterno de todos os tentadores. Vem como serpente.

Entra na terra, não com dignidade, mas gatinhando.

Na maneira de todas as primeiras inclinações para o mal e a traição aproxima-se contorcendo-se e de rastos da vítima escolhida. Não pode vir aberta e corajosamente, confessando o que é; vem arrastando-se pelo capim mofante.

Não fala com língua honesta e cândida. Sua fala é dobre, ambígua. Suas palavras caem de uma língua vermelha, enganadora, envenenada que dardeja e fere e mata.

Não se aproxima de Eva como igual. Ergue-se de sob os pés dela, insinuando-se na sua presença, esperando, no seu modo lodoso, de alojar-se com suas mentiras na mente de Eva.

Não tem pretensões de nobreza. Cai do céu e levanta-se do inferno para representar um papel no reino dos reptis; arrasta-se sobre a barriga, entre os vermes da morte, os escaravelhos asquerosos que se emboscam debaixo de pedras úmidas, a bicharia que, silenciosamente, roe os fundamentos de nossas cidades.

Ele e suas palavras parecem entrelaçar-se. Como seu longo, cintilante e repulsivo corpo se contorce e ondula, suas palavras se enroscam em meias verdades e mentiras totais.

Símbolo Perfeito do Pecado. Se Lúcifer tivesse tentado de escolher entre todas as criaturas o disfarce para tipificar mais perfeitamente a ação que estava para cometer, não poderia ter escolhido, com mais dramática fidelidade, outro do que aquele sobre o qual caiu sua escolha. Uma sublimê ironia impõe-o, o vilão da peça, de apresentar-se na forma menos atraente. Ele, o traidor, confessa o que é, uma serpente na grama.

Aquí, realmente, há justiça altamente poética. Há um humor medonho no aspecto deste orgulhoso anjo da luz, arrastando-se sobre sua barriga ao lugar do encontro. Há hedionda tragédia neste espírito altaneiro, agora nivelado com os reptis, que através de toda a história, causará horror aos humanos e fa-los-á fugir.

Provavelmente, mesmo se não tivesse escolhido tal disfarce, teria sempre usado aquele odioso modo de falar; sob o impulso de sua trapaça, falamos, instintivamente, de um traidor como da "víbora no seio de alguém". Pintamos o traidor, com uma cabeça semelhante à de uma cobra, engatinhando para ferir sua vítima. Pensamos do pecado como do veneno escondido nos dentes mortais da jararaca, da cascavel.

Na realidade, muitas serpentes são boas e fieis amigas da humanidade, destruindo ratos e insetos nocivos. Lúcifer fez com que detássemos todas as serpentes no mesmo pote de vileza comum a todas elas. Todos os homens que tentam inocentes arruiná-los, são caracterizados como "aquelas serpentes".

Modelo para Sedução. Desde o dia em que Satanás seduziu a pobre mãe Eva, muitos escritores têm escrito muitas cenas de sedução. Algumas dessas cenas foram brutalmente desencabidas e vulgares. Algumas delas tiveram uma fascinação sutil que se produz quando traidores peritos acuum a inocência.

Mas a mais brilhante sedução na literatura não pode pretender de alcançar a habilidade insinuante e a fineza da primeira de todas as seduções. De fato, ela tornou-se um modelo para o milhão de aproximações de um milhão de sedutores que se formaram segundo o exemplo do Diabo mesmo para levar suas vítimas à submissão e ao consentimento.

Técnica. A aproximação da serpente começa do modo mais respeitoso, quase com pesar. Não há exigência arrogante, nenhuma afirmação categórica. Há uma pergunta delicada, um louvor tênue, um gesto de simpática compreensão da triste sorte de uma vítima.

"Por que", pergunta a serpente, e a respiração lhe é difícil, "Deus vos deu a ordem de não comer de todas as árvores do Paraíso?"

Fácilmente, pode-se parafrasear esta sentença brilhantemente cisalada.

"Pobre querida!" diz a serpente, em realidade. "Aquí estás, encantadora, adorável, e sobretudo tão inteligente; apesar disto, Deus pôs graves limitações a tua liberdade. Realmente, querida, não compreendo como podes aguentar isto. Admiro-te enormemente por tua submissão, já que, afinal, ninguém que saiba apreciar beleza, usaria nenhuma forma de mando conti-

go. Tu deverias ser livre, minha amada, livre e desimpedida por qualquer lei".

Habilmente, dirige contra Deus uma acusação larga e brutal.

Insinua que Deus lhes proibiu todas as árvores do Paraíso: "...que não comedes de nenhuma árvore..." Ele faz com que o suave mandamento de Deus — de não tocar numa única árvore determinada — apareça como o mais baixo ato de tirania. Uma lei leve, de repente, é representada como pesada e difícil. Satanás acusa a Deus de manter um monopólio egoísta, de excluir Seus próprios filhos dos deleites do jardim no qual Ele os tem colocado.

Aproximação Sutil. Como essa se parece com todas as aproximações de todos os sedutores desde aquele dia até hoje!

"Querida, que crueldade que uma lei qualquer deveria tornar-te a vida difícil! Certamente, esta ordem não foi feita para ti, esta lei feia, opressiva que liga tuas mãos adoráveis e prende teus pés leves. Como pode alguém ser tão cruel que acorrentasse tua alma livre? Aquí estão as cousas realmente alegre do mundo, e um tirano impede que as aproveites. Que injustiça! Que brutalidade! E deixa-me dizer-te quanto te admiro por tua submissão sem uma queixa a uma injustiça tão berrante".

Satanás deu um exemplo duradouro. Sua aproximação é perfeita.

Ingenuamente, Eva lhe responde. Deveria tê-lo chamado de mentiroso por seus ridículos exageros. Desgostosa, ela deveria ter voltado as costas ao ser rasteiro que levanta sua cabeça para envenenar o jardim com cábulas contra o criador bondoso do jardim.

Ao invés, como homens e mulheres tentados desde o dia dela, Eva aceita as mentiras com doce racionalidade e responde ao tentador com graça e amabilidade.

"Das frutas das árvores que estão no Paraíso nós comemos", explica.

Quase podemos ouvir o tentador retrucar: "Ah, é?" enquanto seu olhar passa pelas mil árvores vergadas sob o peso de suas frutas para achar a única proibida para elas. E neste único olhar de desprezo rejeita o resto das árvores como cousa sem valor e fixa os olhos arregalados na única árvore digna dos desejos dos homens.

(Continua)

O ÚLTIMO ASSALTO

José de Cidade Real

(Continuação)

também ele não pôde escapar à lei geral. Eis porque falhou. Eis porque já não há padre aqui”.

“As nossas condições, tia,” observou o jovem, “seriam outras hoje, se você tivesse executado seus planos. A resistência que meu pai opõe à minha vocação, seria ainda maior”.

“Quem sabe se se faria padre, se as condições fossem diferentes, Bernardo?” opinou D. Augusta, meio séria, meio sorrindo.

“É verdade, estas cousas podem influir sobre uma vocação. Mas estou independente. E sei o que estou fazendo. Olhe lá para cima. Que resta dos condes de Blochmont? As ruínas de seu castelo altaneiro. O último deles fez-se monge cisterciense, quando suas terras e seu solar estavam ainda em plena florescência. Não, tia, a senhora sabe muito bem que não preciso fugir da vida. Nem estou fugindo”.

“Sei disto. E você sabe quanto me alegro que mais uma vez um membro de nossa família se dedica ao serviço do altar. Mas sei também, quantos obstáculos provêm dos bens da terra. Nenhum dos meus filhos teve a graça da vocação. E, contudo, minha grande casa está agora vazia. Foram-se quase todos. Você, que para mim é como um filho, nunca estará longe de mim. Em cada sacerdote que reza a s. Missa, vejo um seu irmão — desde já”.

Atravessaram lentamente o valezinho. Em silêncio, seguindo cada um seus pensamentos, chegaram à estrada real.

Um encontro inesperado. Apesar de já entrada bem na casa dos cinquenta, D. Augusta tinha o passo firme, acostuada como estava a longos passeios a pé que preferia a todos os divertimentos.

Diante deles estendia-se a estrada branca, uma larga faixa que facilitava o caminhar, mesmo quando subia. Levariam mais de uma hora até St. Laurent. Mas a solidão da bela rodovia nada tinha de aborrecido para eles. Se não conversavam, a natureza lhes enchia os corações com a mais pura alegria.

Estavam num destes momentos de contemplação arrebatada das montanhas com suas florestas escuras, quando, de repente, envolvido numa nuvem de poeira, se aproximou deles um automóvel. Era um enorme carro de turismo que se mantinha no meio da estrada. Os dois caminhantes refugiaram-se para os lados. O carro parou no meio deles. Antes que o motorista uniformizado tivesse tempo de saltar e abrir a portinhola, uma senhora, dispensando o serviço do empregado, desceu, seguida de uma moça.

Ao vê-la, D. Augusta exclamou: “Maria, que surpresa! Você por aqui?”

Como está vendô, Gusta”, replicou com grande vivacidade a viajante. “Mandei-lhe um telegrama, anunciando minha visita. Mas, como disse seu cêrberô, não deve ter chegado”.

“Em todo caso está bem vinda, Maria”.

Esta apresentou a Bernardo sua filha Francisca. Depois disse, rindo alegremente: “Bernardo, nós dois não precisamos de apresentações. Estas se fizeram, quando você tinha apenas dois anos. Foi naquele dia de inverno, em que virou o trenó de seu pai e você por um triz não morreu sepultado na neve. Como o tempo corre! Desde então já passaram quase 21 anos”.

“E em todo este tempo, nunca mais nos encontramos, apesar de eu tantas vezes passar as minhas férias em St. Laurent. D. Maria, parece que escolheu a ocasião de suas visitas aqui sempre, quando me sabia longe”, disse Bernardo, maliciosamente.

“Deus me livre! Mas as minhas visitas foram sempre só de uns poucos dias, no inverno. Desta vez, porém, tomei a liberdade de vir gozar o resto do verão em St. Laurent. Sabe, Chiquinha fez 19 anos, ontem. Ela quiz fugir do buliço das festas e daquela rapaziada insípida que a está assediando dia e noite. Já que sabíamos que em St. Laurent companhia mais agradável não faltaria...” Piscou os olhos para D. Augusta.

Esta, imediatamente, compreendeu a alusão. Mas pensou: “Estás redondamente enganada, Maria”.

E todos embarcaram no auto, voltando para a casa de D. Augusta.

Um jantar agitado. Já que faltavam ainda três quartos de hora para o jantar, Bernardo mostrou a Francisca a casa, enquanto as duas senhoras conversavam.

Bernardo não deveria tardar em saber qual era a natureza dessa conversa.

Mal estavam sentados à mesa, quando, com sua habitual vivacidade, D. Maria se dirigiu a Bernardo: “Diga, quem lhe meteu esta idéia na cabeça?”

“Que idéia?”

“A de se fazer padre”.

“Não se trata de pôr uma idéia na minha cabeça. É minha vocação, muito simplesmente”.

“Ora esta! Vocação! Qual vocação? Isto de vocação para o sacerdócio é um modo de falar. Ou quer afirmar que esses meninos que estão nos seminários têm uma vocação simplesmente porque os seus vigários os mandaram para lá, e pagam, muitas vezes ainda as despesas dos estudos?”

“Excelência”, acentuou o jovem com calor. “Em primeiro lugar, eu não sou menino. Acabei os meus estudos na Politécnica, e tenho o diploma de engenheiro militar. Sei o que estou fazendo. Em segundo lugar, engana-se, se pensa que uma vocação se resume em mandar para o seminário e pagar os estudos. Nosso Senhor mesmo escolheu, de preferência, seus Apóstolos entre os pobres e humildes. Mas não desprezou os ricos, como pode ver pelo convite dirigido ao jovem rico. Mas os ricos, geralmente, pouco interesse têm nas cousas sobrenaturais”.

“Bem, então, deixe aos pobres esta vocação. Eles gostam de melhorar sua situação social. Um padre, afinal, sempre pertence às camadas cultas. Mas lembre-se, Bernardo, nós precisamos também de bons católicos leigos...”

“Que recebem sua formação dos padres...” interrompeu o jovem. Mas D. Maria não prestou atenção a isto e continuou, dizendo: “Precisamos de bons pais de família. Ora, o senhor teria a melhor oportunidade para desempenhar este duplo papel”.

Bernardo não conseguiu suprimir um sorriso, o que deu mais calor ainda às palavras da mãe de Francisca.

Com a teimosia da mulher acostuada ao mando, ele expôs seu plano: “O senhor, com facilidade, passa ao serviço da França. Meu marido, como sabe, tem influência. Não me venha com a diferença de nacionalidade. O nacionalismo serve quando favorece os nossos interesses pessoais. Seu pai é suíço, você é suíço. Mas sua mãe, irmã de D. Augusta, conservou seus direitos em nosso país. E apesar da revolução, os nossos burguezinhos ainda hoje se dobram perante um título de nobreza, sentem-se felizes quando podem prestar-nos um serviço. E assim, sua carreira está feita”.

“Tem razão, senhora. Minha carreira está feita. Escolhi e resolvi há muito tempo”.

A chegada atrasada do telegrama anunciando a visita de D. Maria pôs um fim a este duelo. E D. Augusta que, propôsitalmente, não interviera, aproveitou agora a oportunidade para digir a conversa para outros assuntos.

A voz da natureza. “Vamos ainda um pouco para o ar livre?” perguntou D. Augusta, propondo assim um passeiozinho nos jardins bem tratados e extensos.

Não durou muito, e os dois jovens, sem o perceber, tinham-se afastado das duas senhoras. Bernardo viu agora que não foi fingimento, quando D. Maria afirmava que Francisca queria fugir do buliço das festas. A moça era muito retraída. Mal dizia uma ou outra palavra. E não foi enleamento ou falta de interesse geral a causa dessa reserva. Se durante os primeiros minutos de passeio a conversa ficava quase que completamente a cargo de Bernardo, em pouco tempo a jovem começou a expandir-se sob a influência da bela natureza. Com olhar de artista contemplava as flores, o jogo de luz produzido pelos raios de um sol no ocaso. E quando, afinal, chegavam ao extremo do parque, onde este confinava com ricos prados verdes, abrindo a vista para os cumes do Jura banhados em ouro, quando este ouro descambava para um roxo quente e profundo, ela soube traduzir em verdadeiros hinos o que lhe ia na alma sensível.

Bernardo admirou a riqueza e candura dos sentimentos de sua companheira. Sentaram-se num

banco rústico para gosar melhor a natureza em festa.

Um leve vento oeste trouxe as suaves notas dos sinos de Sept, misturadas com o zumzum das abelhas que pareciam querer aproveitar a linda tarde para aumentar suas provisões para o inverno ainda tão distante. Neste festim de sons e cores, Bernardo sentiu um estranho bem-estar.

As primeiras estrelas despontaram na abóbada ainda saciada de luz do sol desaparecido. Uma paz imensa estendia-se sobre céu e terra qual véu mágico.

Ao olhar para o relógio, Bernardo sentiu de repente o esforço que lhe ia custar a volta para a casa.

Afinal levantou-se e disse: “Francisca, gostaria de continuarmos aqui fora. Mas costumamos reunir-nos para o chá às 8 horas. Foi esta reunião tradicional em todo o dia o memonto que tio Thibaut mais apreciava. E tia Augusta conserva este costume sempre que alguém da família esteja em casa. Disto não dispensa a ninguém. Portanto, vamos”.

Alguém está satisfeito. Ao entrar em casa, encontraram as duas senhoras à sua espera no largo corredor.

“Afinal”, disse D. Augusta. “Já ia mandar uma expedição à sua procura”.

E riu-se.

De súbito, os olhos de D. Maria brilharam de satisfação. Deviam ter notado algo que mudasse, de um momento para o outro, a disposição mental da matrona.

Não havia cousa mais agradável, mais encantador do que este chá Expansiva e cheia de espírito, D. Maria contou mil e uma aventuras e travessuras em que ela, D. Augusta e a mãe de Bernardo foram as protagonistas, numa época agora já tão remota.

A meia hora prevista para o chá passou num instante. Na melhor disposição os comensais deram-se as boas noites.

Estranha Inquietação. Fiel a seu costume, Bernardo dirigiu-se ao quarto, acendeu um cigarro e abriu um livro. Logo, porém, notou uma certa falta de interesse na leitura. Não conseguiu concentrar-se. Releu duas ou três vezes as primeiras frases sem lhes apanhar, entretanto, o sentido. Depois de mais algumas vãs tentativas, levantou-se e foi à janela aberta. Sentia-se irritado. Num movimento brusco jogou fora o cigarro. Voltou para a mesa de trabalho e pegou numa revista.

Acendeu outro cigarro para logo esmagá-lo no cinzeiro e largou o periódico.

Sentia calor. Deu uns passos nervosos no quarto que lhe parecia uma prisão asfixiante. Foi até a porta que abria para o corredor, indeciso sobre o que ia fazer, onde iria.

Lembrou-se do grande salão. Lá achava-se o órgão que tantas horas de alegria já lhe proporcionara.

(Continua)